

“A SEMANA”, DE MACHADO DE ASSIS – UMA EDIÇÃO ANOTADA

Gilson Santos
Instituto de Letras e Linguística
Universidade Federal de Uberlândia

Esta apresentação está organizada em três partes: a primeira traz, de forma breve, o percurso histórico das obras de Machado de Assis publicadas em vida, assim como de suas edições póstumas; a segunda examina as edições de “A Semana”; e, por fim, a terceira expõe o método empregado na fixação do texto.

I

Machado de Assis publicou em vida vinte e cinco livros seus – descontadas as traduções e um relatório. A lista de editores e de obras é extensa e variada.¹ Grande parte da obra machadiana, porém, não foi publicada em vida do autor: é o caso das crônicas – como as da série “A Semana”, de que nos ocupamos neste texto –, da crítica literária e de outros textos (alguns experimentais, como os onze apontados por John Gledson, no prefácio intitulado “*Papéis avulsos: um livro brasileiro?*”, que publicou em *Papéis avulsos* – edição da Penguin & Companhia das Letras, 2011), de diversos gêneros.

Em 1899, Machado de Assis vendeu a Hippolyte Garnier a propriedade inteira e perpétua de sua obra literária. Ubiratan Machado informa que as obras mencionadas no contrato são *Páginas recolhidas* (obra que inclui seis crônicas de “A Semana”, sob o

¹ O percurso histórico das edições de obras de Machado de Assis, publicadas em vida, e de editores dessas obras, pode ser consultado no site da exposição virtual “Machado de Assis: primeiras edições e raridades”, projeto que decorre da atuação de Hélio de Seixas Guimarães como pesquisador associado da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (Disponível em: <<https://machadodeassis.bbm.usp.br>>) e no artigo de Alex Sander Luiz Campos – “Edições de Machado de Assis: por quê? para quê?” (*Machadiana Eletrônica*, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan.-jun. 2018). Há informações importantes também no *Dicionário de Machado de Assis*, de Ubiratan Machado (2021, p. 196-197).

título geral de “Entre 1892 e 1894”), *Dom Casmurro*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Iaiá Garcia*, *Helena*, *Ressurreição*, *A mão e a luva*, *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Histórias da meia-noite*, *Contos fluminenses*, *Americanas*, *Falenas* e *Crisálidas*.²

Mário de Alencar organizou e, em 1914, publicou pela Garnier uma coletânea com 108 crônicas sob o título *A Semana*. Essa é a primeira edição (parcial) da série, em livro, preparada após a morte de Machado de Assis. Os textos sofreram, em alguns casos, intervenções do editor, como supressão de partes e adição de títulos.

Lúcia Granja (2018, p. 24, nota 10) informa que, em 1934, Ferdinand Briguiet, por ocasião do fechamento da editora Garnier no Brasil, comprou-lhe os fundos, que foram posteriormente vendidos à editora Martins, de São Paulo, e à editora W. M. Jackson. Quando, em 1958, o presidente da república Juscelino Kubitschek pôs a obra machadiana em domínio público, voltou à tona a questão dos direitos autorais sobre ela. Numa notícia publicada no *Correio da Manhã* de 17 de setembro de 1958 (p. 7) afirmou um porta-voz da diretoria da editora Jackson:

A editora Jackson, publica com exclusividade as obras de Machado de Assis, desde o ano de 1935 e somente agora lembraram-se de nos tirar a permissão [...]. Naquele ano, a firma comprou os direitos autorais, *de quem de direito*, pois a Editora Garnier era proprietária dos direitos de Machado, por testamento. Aquele escritor colocara o sr. Henrique Lacombe Garnier, como seu beneficiário.³ (grifo nosso)

Observe-se a cautela do porta-voz ao dizer de quem a editora Jackson adquiriu os direitos autorais de Machado de Assis; ele diz: “de quem de direito” – ou seja, não declara que a editora os comprara diretamente à Garnier. Desse conjunto de informações, pode-se inferir que a W. M. Jackson adquiriu os direitos de publicação da obra machadiana a F. Briguiet. Um estudo cuidadoso dos contratos de Machado de Assis, que estiveram sob a guarda de Pedro Paulo Moreira, proprietário da Vila Rica Editoras Reunidas (antiga Itatiaia), pode ser que esclareça em definitivo esta questão.

Depois de 1937, até 1958, a editora W. M. Jackson publicou as “obras completas” de Machado de Assis, em 31 volumes – em diversas edições. Sobre essa questão, Ubiratan Machado escreveu:

² Cf. MACHADO, 2021, p. 238.

³ JUSTIÇA dará a última palavra sobre direitos autorais de Machado de Assis, 1958, p. 7.

Reunindo toda a produção do escritor conhecida à época, além de textos inéditos em livro, ela deve ser encarada com extrema reserva, tendo sido mais prejudicial do que benéfica à difusão da obra machadiana. O critério adotado desrespeitou a fidedignidade ao original e, por vezes, violentou o pensamento de Machado. Os editores mudaram trabalhos de um volume para outro, introduziram matérias inéditas não assinadas, sem qualquer comprovação de autoria, deixaram de incluir outras (como alguns poemas das *Crisálidas* rejeitados por Machado nas *Poesias Completas*, apesar de garantirem a inclusão de todos os poemas suprimidos), alteraram o texto, sem o menor respeito pelo legado do escritor, desvirtuando-o grosseiramente, suprimiram epígrafes, como a de Montaigne nas *Páginas Recolhidas*, inutilizaram citações, alteraram títulos, além de inúmeras gralhas tipográficas.⁴

Já nesse ano (1937), a W. M. Jackson publicou integralmente, em três volumes, as crônicas de “A Semana”. Na década de 1950, a editora providenciou revisão de toda a obra, cujo texto, ajustado à nova ortografia, teve corrigidos alguns erros das edições anteriores. Ubiratan Machado informa que a iniciativa foi uma “catástrofe”: “Salvou-se apenas o volume de *Várias histórias*, a cargo de Aurélio Buarque de Holanda. Os outros trinta volumes, revistos por Henrique de Campos e Ary de Mesquita, foram um desrespeito à obra machadiana.”⁵ Nas décadas de 1940 e 1950, a editora Jackson manteve o monopólio da publicação da obra de Machado de Assis.

Em 1953, a editora publicou nova edição de *A Semana* (3 volumes), com o texto cuidadosamente revisto por Aurélio Buarque de Holanda, que procedeu à atualização ortográfica e revisão das provas dos três tomos. O filólogo submeteu “todo o longo texto, de cerca de 1.400 páginas, a confronto com o texto primitivo, estampado na *Gazeta de Notícias* entre 1892 e 1897, e em pequena parte do ano de 1900.”⁶ A edição revista corrigiu erros tipográficos e apôs (umas poucas) notas para comentar fatos de língua; o revisor, porém, frequentes vezes, fez intervenções no texto machadiano – na pontuação e na ortografia – sem informar o leitor.

Em 1958, no governo de Juscelino Kubitschek, a obra machadiana foi declarada em domínio público. Nesse ano, uma portaria instituiu a Comissão Machado de Assis, formada por filólogos de elevada reputação, com o objetivo central de fixar o texto da

⁴ MACHADO, 2021, p. 560.

⁵ MACHADO, 2021, p. 560. Observação: os três volumes de *A Semana* também foram revistos por Aurélio Buarque de Holanda.

⁶ ASSIS, 1953, v. 1, p. 3.

obra machadiana. A referida comissão editou várias obras (romances, contos e poesia), mas o trabalho não teve continuidade – ficaram de fora as coletâneas *Papéis avulsos* e *Páginas recolhidas*. A maior parte das crônicas foi incluída nas “obras completas” pela editora Jackson; outros textos foram recolhidos e publicados postumamente por estudiosos como Mário de Alencar, Raimundo Magalhães Júnior, José Galante de Sousa e Jean-Michel Massa.

Logo após a entrada em domínio público, antecipando-se à publicação da obra pela Comissão Machado de Assis, a editora José Aguilar publicou, em 1959, a primeira edição de sua *Obra completa* (3 volumes) de Machado de Assis, organizada por Afrânio Coutinho. Os textos machadianos, sob responsabilidade de José Galante de Sousa, são mais bem editados do que os da Jackson.

Em linhas gerais, esse é o percurso histórico das obras de Machado de Assis, após a morte do autor.

II

“A Semana” foi a última grande série de crônicas de Machado de Assis – a mais famosa, da qual ele publicou seis em *Páginas recolhidas* (H. Garnier, 1899), sob o título geral de “Entre 1892 e 1894”, particularizada, cada uma, por um título: “Vae soli!” (17 jul. 1892), “Salteadores da Tessália” (26 nov. 1893), “O sermão do diabo” (4 set. 1892 [no livro vem 1893]), “A cena do cemitério” (3 jun. 1894), “Canção de piratas” (22 jul. 1894) e “Garnier” (8 out. 1893).

A série se compõe de 248 crônicas, todas publicadas na *Gazeta de Notícias* entre 1892 e 1897 – e mais duas, de 4 e 11 de novembro de 1900, que têm sido tradicionalmente incluídas no conjunto.⁷ Outras duas crônicas que têm sido incluídas na série não foram escritas por Machado de Assis, que se encontrava doente; escreveu-as Ferreira de Araújo, dono da *Gazeta de Notícias*: são as de 22 de outubro de 1893 e de 29 de abril de 1894 [não levadas em conta na numeração de John Gledson, ambas sob a epígrafe “Uma semana” na *Gazeta*]. As crônicas foram publicadas sem indicação de

⁷ Mário de Alencar, na coletânea com 108 crônicas sob o título *A Semana* (Garnier, [1914]), já as incluía na série.

autoria, mas, apesar de anônimas, é seguro afirmar que foram escritas por Machado de Assis, pois há testemunhos do próprio autor e de autores coetâneos que o confirmam.⁸

No “Prefácio” de *Páginas Recolhidas*, Machado de Assis informa as razões por que incluiu as seis crônicas no livro: “[Incluí] alguns retalhos de cinco anos de crônica na *Gazeta de Notícias* que me pareceram não destoar do livro, seja porque o objeto não passasse inteiramente, seja porque o aspecto que lhe achei ainda agora me fale ao espírito.”⁹ Artur Azevedo, em uns “apontamentos biográficos”, registrou: “Atualmente [em janeiro de 1893] escreve Machado de Assis, todos os domingos, na *Gazeta de Notícias*, uns artigos intitulados *A Semana*, que noutro país mais literário que o nosso teriam produzido grande sensação artística.”¹⁰

Outra comprovação da identidade do autor dessas crônicas encontra-se na carta de 26 de maio de 1895 que Machado de Assis enviou a Magalhães de Azeredo; nela, ele se queixava de erros tipográficos em suas crônicas publicadas na *Gazeta*:

Se pudesse fazer uma escolha das *Semanas*, publicá-la-ia; mas valeria a pena o trabalho? Demais, há em muitas delas erros tipográficos, palavras trocadas, não emendadas oportunamente, e que me obrigariam agora a fadigas sem utilidade. Já lá vão três anos que faço esta crônica da *Gazeta*...¹¹

Em outra carta, de 9 de dezembro de 1895, enviada ao mesmo Magalhães de Azeredo, Machado volta a lamentar os erros tipográficos nas crônicas:

As minhas *semanas* raro saíram com pequenas trocas de letras, trazem sempre erros mais ou menos graves. Eu, algumas vezes, mando correção; as mais delas calo-me. Crônicas não se fizeram para ficar lembradas. Os erros vão no mesmo enxurro.¹²

John Gledson vinha editando, anotando e publicando essas crônicas. Em 1996, pela editora Hucitec, veio a lume o primeiro de três volumes que pretendia publicar, contendo as primeiras 83 crônicas da série (24 de abril 1892 a 26 novembro de 1893). Anos depois retomou o plano e publicou as 97 crônicas subsequentes em dois números da *Machadiana Eletrônica*: em 2018 (v. 1, n. 2), publicou 51 crônicas, as do ano de

⁸ Cf. SOUSA, 1955, p. 33-34.

⁹ ASSIS, 1899, p. VIII.

¹⁰ *O Álbum*, ano I, n. 2, p. 11, col. 1-2, janeiro de 1893.

¹¹ ASSIS, 2011, t. III, p. 82.

¹² ASSIS, 2011, t. III, p. 129.

1894; e em 2021 (v. 4, n. 8), 46 crônicas (6 de janeiro a 24 de novembro de 1895). As três publicações apresentam padrão editorial semelhante: texto rigorosamente apurado, tomando como base o da *Gazeta*; correção de erros do texto-base; e aparato editorial em que vêm notas explicativas e informativas. Além disso, John Gledson introduziu uma numeração nas crônicas (em algarismos arábicos). As crônicas publicadas na *Machadiana* apresentam uma particularidade: trazem um pequeno texto introdutório a cada uma delas. As notas – mais desenvolvidas nesse periódico – esclarecem aspectos vários relativos aos textos e contêm informações sobre o contexto histórico e político, e sobre as referências filosóficas e literárias. Para concluir a edição de “A Semana”, e colocar à disposição dos leitores textos apurados, confiáveis e anotados, seria preciso editar as 68 crônicas finais do conjunto: aquelas publicadas na *Gazeta* de 1º de dezembro de 1895 a 28 de fevereiro de 1897, e duas de 1900 (4 e 11 de novembro). John Gledson nos comunicou, via *e-mail*, que interromperia os trabalhos de edição e, generosamente, nos animou a dar-lhes continuidade. Vencida a hesitação inicial – não dissipado totalmente o receio de que fomos acometidos –, levamos adiante a tarefa, sem a pretensão de igualar nossa edição às do ilustre machadiano. Nossa intenção foi apenas concluir a publicação da série, colocando-a inteira à disposição dos leitores.

Vejamos, agora, o método adotado na edição das crônicas.

III

Antônio Houaiss, que foi editor de Machado de Assis, propôs uma distinção entre edição crítica e edição fidedigna de autores modernos que está na base de nosso método. A edição crítica pertence à tradição filológica, demanda profundos conhecimentos da história da língua e do autor, é dispendiosa, de difícil execução e lenta elaboração: ela visa à restituição do texto à sua forma genuína (aquela pretendida pelo autor, ainda que idealmente pensada), preserva a língua do tempo em que o texto foi escrito e, no aparato crítico, que serve também para o registro de variantes textuais, reconstitui o contexto (filológico, linguístico, literário, filosófico, histórico, político, etc.) da obra. A edição fidedigna não se obriga a tudo isso; é uma espécie de sucedâneo de elaboração mais ágil e menos especializada, da edição crítica.

Segundo o mencionado filólogo, a edição de textos modernos poderia ser dividida em duas categorias: a primeira visa à edição com fins linguísticos, isto é,

aquela em que os elementos do texto crítico, destinado a um público especializado, podem ser tomados para abonação de fatos linguísticos – é a edição crítica; a segunda consiste na edição com fins extralinguísticos, isto é, aquela que apresenta texto idôneo, não propriamente crítico, que facilita a leitura e, naturalmente, o acesso do público não especializado ao conteúdo da obra – é a edição fidedigna. A segunda categoria nos interessa, porque em nossas edições, os textos, apesar de não rigorosamente críticos, são apurados e anotados – bons (confiáveis) para ler e trabalhar. O objetivo principal de uma edição dessa natureza consiste em restituir um texto, tanto quanto possível, à sua forma genuína. Assim, apurar um texto de modo fidedigno significa apresentá-lo ao leitor livre de incorreções e acompanhado de notas explicativas, eventualmente filológicas, que auxiliem a leitura e a compreensão.¹³

No geral, seguimos os princípios editoriais utilizados por John Gledson, a fim de apurar o texto da série “A Semana”: o texto-base de cada crônica é o da *Gazeta de Notícias*; o texto de referência é o preparado por Aurélio Buarque de Holanda; os erros óbvios do texto-base foram corrigidos; e o aparato editorial contém variantes textuais e notas.

O texto-base de cada crônica é o da *Gazeta* (já o dissemos), por se tratar da única publicação em vida do autor. Não há testemunhos manuscritos conhecidos. No processo de apuração dos textos, as edições posteriores à *Gazeta* poderiam (em tese) ser descartadas, pois derivam de um modelo que ainda existe; contudo, confrontamos o texto-base com duas edições – a preparada por Aurélio Buarque de Holanda (W. M. Jackson, 1953) e a de Mário de Alencar (Garnier, 1914), que consultamos na edição de 1922 – e registramos as variantes substantivas, uma vez que conhecer as intervenções e as lições privilegiadas em épocas distintas são fatos de inegável valor linguístico e cultural. Em passagens danificadas e/ou ilegíveis do texto-base (periódico rasgado, letras claras, borradas, etc.), apoiamo-nos na edição preparada por Aurélio como meio de recompor o texto. Esses casos foram registrados em notas. Os apontamentos do filólogo em algumas passagens das crônicas, geralmente tratando de fatos de língua, foram transcritos ou comentados.

No tocante à ortografia, atualizamos e modernizamos as formas do texto-fonte, inclusive as formas que ainda se conservam no *Vocabulário ortográfico da língua*

¹³ Ver HOUAISS, 1983, v. I, p. 273 – item 6.2.

portuguesa, como, por exemplo, “afeto” (“afecto”), “coisa” (“cousa”), “dois” (“dous”), “fato” (“facto”) e “ônibus” (“ômnibus”). No texto apurado, corrigimos os erros óbvios do texto-base; em alguns casos, com registro no aparato – em outros, não. Quando houve dúvida, anotamos e, eventualmente, corrigimos.

O período em que Machado de Assis atuou como escritor (1854-1908) foi rico em importações de palavras estrangeiras oriundas, principalmente, do francês e do inglês – o que contribuiu enormemente para a expansão e o enriquecimento do vocabulário da língua portuguesa, para desespero dos gramáticos e filólogos da época. Nos periódicos essas palavras eram grafadas ora em redondo, ora em itálico. Nos textos machadianos a situação não foi diferente. Na edição destas crônicas, foi adotado o seguinte critério: estrangeirismos grafados em redondo foram atualizados e modernizados, conforme o *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*; os em itálico foram preservados na forma em que Machado os grafou (eventuais erros de ortografia foram corrigidos e registrados no aparato).

As notas – por vezes longas! – desempenham papel central na edição que preparamos. Elas têm por objetivos principais (a) informar ao leitor aspectos do contexto e das referências/alusões feitas pelo cronista, (b) esclarecer passagens que o editor julgou de difícil intelecção, e (c) anotar particularidades da língua portuguesa do século XIX. Na atualização ortográfica das notas também adotamos as formas vocabulares atualmente em uso no português do Brasil, não preservando as que, embora em desuso, ainda estão registradas no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*.

A crônica, diferentemente do romance (e do conto), não prescinde normalmente de informações do contexto para ser compreendida. Roberto Schwarz observou que o romance “tende a apresentar um universo autoexplicativo que dispensa as referências externas, porque as internaliza.”¹⁴ A crônica, por outro lado, não costuma apresentar as informações necessárias à compreensão do texto – são, por natureza, obras efêmeras, escritas em circunstâncias específicas, e difíceis de entender “sem ter lido os jornais onde se publicaram, que são o contexto em que os seus leitores as leram e compreenderam”.¹⁵

¹⁴ SCHWARZ, 2009, p. 19.

¹⁵ GLEDSON, 2018, p. 15.

A variedade de assuntos é grande, e, por isso, seria tarefa difícil tentar listá-los, embora alguns sejam recorrentes – o encilhamento, os desfalques de recursos financeiros, os erros na preparação de medicamentos, etc.

Editar Machado de Assis: Oh escrupuloso ofício!

Referências

ASSIS, Machado de. *Páginas recolhidas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953. 3v.

ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio; Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis: t. III (1890-1900)*. Coordenação e orientação Sérgio Paulo Rouanet; reunida, organizada e comentada por Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1895)*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, 2021. Edição, introdução e notas de John Gledson.

AZEVEDO, Artur. *O Álbum*, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 11, col. 1-2, janeiro de 1893.

CAMPOS, Alex Sander Luiz. Edições de Machado de Assis: por quê? para quê? *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 1, p. 131-150, jan.-jun. 2018.

GLEDSON, John. Prefácio. *Papéis avulsos: um livro brasileiro?* In: ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Notas de Hélio Guimarães. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 7-32.

GLEDSON, John. In: ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1895)*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2 (2018) Edição, introdução e notas de John Gledson.

GRANJA, Lúcia. Três é demais! (ou por que Garnier não traduziu Machado de Assis?). *Machado Assis Linha*, São Paulo, v. 11, n. 25, p. 18-32, dez. 2018.

HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1983. 2v.

JUSTIÇA dará a última palavra sobre direitos autorais de Machado de Assis. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 20085, p. 7, 17 set. 1958. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=&pagfis=96502>.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

SCHWARZ, Roberto. Martinha vs. Lucrecia. In: ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (Org.). *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: UNESP, 2009.

SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.